



## AS IMPLICAÇÕES PSÍQUICAS DA ADOLESCÊNCIA

Milena Zamberlam<sup>1</sup>; Larissa Sasso Bernardi<sup>2</sup>; Luiz Felipe Vieira Amaral<sup>3</sup>; Ângela Maria Schneider Drügg<sup>4</sup>

**Palavras-chave:** Adolescência. Constituição psíquica. Transformações da puberdade. Psicanálise.

### 1 INTRODUÇÃO

A adolescência vem ganhando visibilidade diante da sociedade e diferentemente do que se pensa, não é simplesmente um período passageiro na vida do sujeito, mas sim, um período de intensas modificações psíquicas e biológicas que implicam em transformações que acarretam diferentes conflitos do indivíduo para com a sociedade, a família e principalmente, a ele próprio.

No viés psicanalítico, a adolescência é vista como um tempo em que o sujeito é convocado a ocupar uma nova posição assim como um novo corpo. Segundo Mees (2004), “Do jovem é esperado que de conta das alterações próprias do corpo, da sexuação, da escolha profissional, da escolha do parceiro(a), da vivência sexual”.

Partindo do pressuposto de que cada teoria e cada autor pensa a adolescência de uma forma, destaca-se a importância da psicanálise diante desse período, uma vez que essa busca compreender o sujeito na sua subjetividade frente às implicações desse novo tempo.

### 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia do presente trabalho consiste em uma revisão bibliográfica a partir de autores que estudam a adolescência pelo viés psicanalítico.

Neste momento de transição o adolescente buscará um novo lugar dentro do laço social e, assim o texto trabalhará: a relação do adolescente com a sua imagem, os novos ideias que transpassam o desejo familiar e as demandas sociais que exigem do adolescente um lugar frente as novas exigências.

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, Ijuí, Brasil. E-mail: milena\_zamberlam@hotmail.com

<sup>2</sup> Discente do curso de Psicologia, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, Ijuí, Brasil. E-mail: larissa.sasso10@outlook.com

<sup>3</sup> Discente do curso de Psicologia, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, Ijuí, Brasil. E-mail: felipe.amaral@live.com

<sup>4</sup> Docente da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, Ijuí, Brasil. E-mail: drugg@unijui.edu.br



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A adolescência ganha uma atenção especial e um espaço no cenário social e cultural num tempo bem recente. É considerada uma fase transitória entre a criança e o ser adulto, marcada por transformações físicas e biológicas significativas bem como por complexas implicações psíquicas resultantes de um processo interno tumultuoso onde o sujeito questiona tudo e todos a sua volta na tentativa da sua própria descoberta.

Tendo em vista que a puberdade é um período intenso que está diretamente envolvido com a adolescência, o Manual de Atenção à Saúde do Adolescente, define-a como:

(...) o conjunto de modificações biológicas que transformam o corpo infantil em adulto, constituindo-se em um dos elementos da adolescência. A puberdade é constituída pelos seguintes componentes: crescimento físico: aceleração, desaceleração, até a parada do crescimento (2º estirão); maturação sexual; desenvolvimento dos órgãos reprodutores e aparecimento dos caracteres sexuais secundários; mudanças na composição corporal; desenvolvimento dos aparelhos respiratório, cardiovascular e outros. (CODEPPS, 2006, p.17)

A adolescência é o tempo que marcará para o sujeito, a passagem da infância ao encontro com o objeto sexual. Essa travessia exigirá do adolescente uma ruptura com a situação subjetiva anterior. Segundo Lamberte e Tavares (2012) “É um período marcado por perdas, transformações, descobertas e vulnerabilidade. Um período de necessidade irredutível de experimentação, de sair progressivamente do casulo, de dar a voz a sua palavra, de decisão.”

O adolescente precisa lidar com as implicações desse período referentes às mudanças que ocorrem em âmbito corporal e psíquico. Tendo em vista que é um sujeito em constituição, considera-se que na infância tenha se reconhecido diante da sua imagem especular, uma vez que agora está diante de uma imagem que não é mais aquela da infância e que precisa ser novamente reconhecida por ele mesmo a fim de que se aproprie de sua imagem atual buscando identificação consigo mesmo e com os pares. “É como se seu corpo precisasse ser novamente contido, reescrito por significantes. Trata-se tão somente do luto pelo corpo da infância e da assunção de um “novo” corpo adulto.” (BACKES, 2004, p.38)

Os adultos, enquanto pais idealizados têm dificuldades em escutar, reconhecer a imagem corporal e a posição discursiva destes jovens, pois ora lhes atribuem um lugar de criança, ora de adultos. Este desalocamento subjetivo, coloca o sujeito em vulnerabilidade pois a medida que lhe cobram que tome posições, também reduzem seu poder de decisão.



Este tempo turbulento de mudanças drásticas, coloca o adolescente como figura principal de uma família, que busca a todo momento entender as transformações a nível corporal, biológico e subjetivo. Todo saber buscado serve como medida para a família trabalhar com as questões do filho não ser mais o bebê idealizado, do grupo de amigos ser o novo meio de identificação e da sociedade vir a ser o alvo de críticas pelas imposições e restrições.

Assim, ocorrem os encontros do adolescente com as experiências jamais vividas, essas tomadas como um caminho inaugural e ao mesmo tempo um redirecionamento de sua pulsão para outros objetos e objetivos. Se antes o amor era eternizado nos pais agora é endereçado a outras pessoas, os discursos parentais e sociais são colocados em segundo plano, pois o adolescente começa a criar sua própria cadeia discursiva sempre na tentativa de desvelar seu lugar enquanto um ser que não é mais passivo mas está dentro de uma posição ativa que busca seu lugar no mundo dos adultos.

Seu discurso então se volta para o Outro do laço social, desloca os pais dos lugares que ocupavam no seu imaginário de criança, trazendo à tona novas questões edipianas, para assim possibilitar que o jovem deslize da idealização dos pais, e crie outros laços fora do seu círculo familiar. Isso implica num trabalho psíquico de realocação do sujeito frente às novas questões referentes ao sexual, corpo infantil, identidade infantil e os pais da infância. “O sujeito, despertado pelas mudanças pubertárias, assim como pelo que passa a ser convocado em seu mundo de relações, vê-se estruturalmente em um estado de vulnerabilidade, à medida que os valores de até então necessitarão de uma ressignificação.” (LAMBERTE E TAVARES, 2012, p.122).

Tais desvelamentos levam o adolescente aos constructos de uma vida que tem como base inicial a infância, se um dia os pais marcaram essa criança com uma dívida simbólica (nome, acolhimento e os ideais parentais), estes filhos recortarão estes ideais e criarão os seus próprios. O adolescente então busca construir seu espaço e valores a partir do lugar que um dia alguém lhe desejou.

(...) Mas, na adolescência, pode-se dizer que é o período inaugural no qual as consequências sobre o exercício de sua sexualidade, a partir da prontidão somática, convocarão o sujeito a responder a partir de um novo lugar, sobre seu desejo e, sobretudo a responsabilizar-se por suas escolhas e atitudes. Sobre os aspectos psíquicos, a adolescência, assim como é tomada no campo médico, é uma etapa iniciada pelos marcos pubertários, Seu termino, no entanto, dependerá do tempo necessário que cada um levará nessa travessia. (LAMBERTE E TAVARES, 2012, p.131)



A adolescência é então este tempo de reelaborações e desconstruções que levam o sujeito a resignificar-se sob as novas demandas que agora lhe exigem. A ele é dada a missão de ocupar os espaços sociais e reposicionar-se com autonomia frente à cultura.

A sociedade, por sua vez, demanda que o adolescente ocupe os espaços, as posições e o lugar de “adulto”. O ideal adulto é colocado em pauta, mas se fazer valer destas demandas sociais exige que o adolescente consiga efetivar seu lugar subjetivo, pois a todo o momento lhe é endereçado que assuma uma posição sexual, tenha uma profissão como alvo e busque seu lugar dentro de uma sociedade.

Neste jogo entre demandar e responder, a sociedade se coloca como um terceiro, enfatizando ao jovem seu novo lugar cultural e redirecionado para outras relações que cobrarão duramente que tome posições e ocupe seu lugar.

#### **4 CONCLUSÃO**

A adolescência é um período da vida humana de grandes exigências e implicações psíquicas sendo que por ela perpassam questões que vão muito além de um corpo biológico em transformação. O adolescente como um sujeito em constituição está buscando a sua própria identificação, o reconhecimento da sua imagem, bem como o seu próprio lugar dentro da família e da sociedade.

Conclui-se, a partir disso, que a adolescência não é apenas um período “normal” e que “passa”, é uma etapa importante na constituição psíquica humana, sendo que o adolescente precisa abandonar o lugar que ocupava na infância, construir um novo lugar, e para além disso, assumi-lo.

#### **REFERÊNCIAS**

BACKES, Carmen. **A Reconstituição do Espelho** In: Adolescência e Experiência de Borda / organizado por Ana Costa... [et al.]. Porto Alegre: Editora de UFRGS, 2004.

CODEPPS. **Manual de Atenção à Saúde do Adolescente**. São Paulo, 2006.

LAMBERTE, M. T. M R., TAVARES, Eda.M. **O Adolescente**. In: Psiquiatria da Infância e Adolescência / Guilherme Vanoni Polanczyk, Maria Teresa Martins Rambo Lamberte (coordenadores). Barueri, SP: Manole, 2012.

MEES, Lúcia. A. **O Trauma Infantil e o Adolescente** In: Adolescência e Experiência de Borda / organizado por Ana Costa... [et al.]. Porto Alegre: Editora de UFRGS, 2004.